

A força do voluntariado contra a desigualdade

» CAMILA FELDBERG
Gerente de Fomento do Itaú Social

O Brasil vive um momento no qual é impossível não se solidarizar com os desafios enfrentados por milhões de pessoas em busca de renda, moradia e alimentação digna. Por seu lado, individual ou coletivamente, cada vez mais brasileiros se voluntariam para apoiar essas famílias por meio de doações ou de ações estruturadas por organizações da sociedade civil.

Nos últimos anos, em razão dos impactos sociais da pandemia da covid-19 e pela falta de acesso da população às políticas públicas, 33,1 milhões de brasileiros não têm o que comer — dados do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Brasil, divulgado em junho de 2022. Os números são ilustrados pelo forte aumento da população em situação de rua e todo o tipo de precariedade que isso representa.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), também divulgados em junho, mostram que o rendimento mensal domiciliar caiu 6,9%, alcançando a menor marca da série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), iniciada em 2012. As ações solidárias não têm a força de mudar o cenário econômico brasileiro, mas conferem um senso de urgência para reduzir os impactos dessa crescente desigualdade social.

No final de agosto, comemoramos o Dia Nacional do Voluntariado para lembrar justamente a importância de olharmos mais para a nossa própria comunidade e buscarmos formas de contribuição efetiva. A pesquisa Voluntariado na Educação, realizada pelo Datafolha em dezembro de 2021 a pedido do Itaú Social, mostrou que quatro a cada 10 brasileiros fizeram alguma ação durante os dois anos da pandemia, e que quase a metade (47%) perceberam que houve um aumento de doações de alimentos e itens básicos.

Apesar dos números indicarem que nove em cada 10 pessoas reconhecem a importância do voluntariado, a realidade é que ainda não existe uma cultura solidária consolidada no país. Uma das razões desse baixo desempenho é que 71% da população têm interesse em praticar ações solidárias, mas a falta de informações impede a atuação mais direta junto à comunidade. Da parcela que nunca praticou voluntariado, 35% citam a falta de oportunidade e 32%, de tempo.

Apesar dessa dificuldade, o Brasil avança para construir uma nação generosa, como podemos acompanhar no surgimento de diversos coletivos culturais, cursinhos populares, grupos de apoio



GOMEZ

e iniciativas ambientais, esportivas, de proteção aos animais, entre outras. Essa perspectiva pode ser confirmada com a pesquisa Voluntariado no Brasil 2021, também do pelo Datafolha e do Idis (Instituto para o Desenvolvendo do Investimento Social), com apoio do Itaú Social. O estudo reúne dados sobre voluntariado desde 2001 e mostra que, desde a primeira edição, a prática no país cresceu de 18% para 56%, ou seja, mais da metade dos entrevistados afirmam que realizam ou já realizaram alguma ação solidária.

Outro grande motor que multiplicou as atividades sociais no Brasil foram as empresas. Segundo o estudo, 15% dos voluntários atuam por meio de instituições privadas, sendo que a maioria deles (58%) promove ações com frequência definida. Destes, 68% se dedicam mais de cinco horas por mês, 10 pontos percentuais a mais quando comparado aos voluntários de forma geral (58%). Um exemplo de contribuição neste sentido é a plataforma de voluntariado corporativo MobiLiza, que reúne ações voluntárias promovidas pelos colaboradores do conglomerado Itaú Unibanco em diversas regiões do país.

Para a próxima década, estima-se que cada vez mais empresas promovam ações que agreguem valor e gerem mudanças contínuas, em vez de investirem em projetos focados apenas em atos isolados. Para concretizar essas iniciativas nas comunidades, é comum que esses núcleos de voluntários corporativos se relacionem com organizações da sociedade civil e lideranças locais que vivenciam e convivem com as famílias alcançadas pelos projetos solidários.

Aos poucos, o sentimento de generosidade e a possibilidade de mudança da sociedade vêm contagiando os brasileiros. A premissa de que é possível melhorar as condições de vida da população, em especial a dos mais vulneráveis, tem mobilizado diversas ações Brasil afora. A busca pelos direitos dos cidadãos, na melhoria e acesso de políticas públicas de qualidade, também deve ser o foco do trabalho voluntário e engajar cada vez mais pessoas para a importância de ampliar o acesso às políticas públicas. Quando realizada de forma qualificada e com constância, o voluntariado tem potencial transformador.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.dj@dab.com.br

Arte e verdade no mundo falso da política

Quem quer viver às custas da aprovação popular, corre num antigo erro de estratégia quando torna público sua preferência por um lado do espectro político, desprezando e descartando assim parte dos seus seguidores e fãs, que não se enquadram em suas posições. Fica a meio caminho. Pior ainda quando essas preferências políticas são exacerbadas e radicais. Às mesmas que o racha em seus seguidores se acentuam. Parte daqueles que se achavam fãs, viram opositores e passam a desprezar tanto a obra como o autor. É da condição humana.

Há aqueles que nunca se deixam confundir, separando o que é a obra e o que é seu autor. Fossem conhecidas todas as facetas humanas de cada um dos ídolos que desfilam na vida artística, pelo menos metade deles seria banida da preferência popular. É nessa condição e até por um instinto de marketing e de preservação da fidelidade de seus seguidores, que muitos artistas declinam da condição de se fazer propagandistas e defensores de políticos, sejam eles quem forem.

Quem quer viver às custas da aceitação popular e com isso angariar clientes fiéis, dentro do espírito capitalista, deve antes de tudo escolher o caminho do meio, aceitando tanto quem é contra, como quem é a favor. Acostumados a viver da bajulação do público, muitos artistas acabam adentrando para o mundo do faz de conta e da ilusão passageira da fama. Os que optam por caminhos radicais, conhecem o ostracismo mais cedo.

Vivessem todos de acordo apenas com suas preferências, fazendo dessas opções, um dogma, não haveria harmonia humana, e sim um eterno embate e divisões insanas. Deixar-se contaminar por critérios momentâneos e ocasionais, é a receita certa para o fracasso. Ainda mais quando esses critérios dizem respeito apenas a escolhas pessoais e subjetivas, algumas delas, como é o caso das eleições, regulada por lei que obriga o sigilo absoluto do voto.

Houve um tempo em que nas redações de jornais, a regra era simples: jogador de futebol, joga bola. Cantor, canta. Artista plástico pinta ou borda. Nenhum deles fala ou transmite opiniões, sobretudo de cunho político. Mesmo assim era comum ouvir absurdos vindos desses personagens. Insistir para que artistas, que conhecem e exercem muito bem seus ofícios, falem sobre suas preferências políticas e sobre sua visão do país, é, por outros meios, fazer com que parte de seu público o abandone no meio do caminho.

Quer afundar um cantor ou compositor, peça que ele externe sua visão e posição política. O fã ou fanático, que a tudo endeusa, não quer enxergar o lado humano de seus ídolos e muito menos suas fraquezas. Ao conhecer seu artista de perto, sem as lentes filtradas da propaganda, muitos fãs se decepcionam com o que passam a conhecer.

Calados e focados em suas obras, todos os produtores de arte e entretenimento se aproximam de Deus e assim são vistos pela galera que o aplaude. Forçar os artistas para que desçam à terra e se posicionem sobre o momento é uma forma de transformá-los em ídolos de barro fino, que serão facilmente despedaçados.

Quem quer fazer proselitismo do tipo político, que o faça pelo conteúdo e expressões de sua arte, e nunca por declarações do tipo palanqueira, enredado pelo ilusório discurso político, que muda como se muda de roupa.

Antigamente o sentido de beleza se confundia com a verdade e a verdade era o que os artistas perseguiam. Nessa condição, os artistas passam a representar as primeiras vítimas da política. Arte e verdade, mesmo cada uma pertencendo aos distintos mundos da estética e da ética, são, portanto, antagônicas dos conceitos da política e da mentira.

» A frase que foi pronunciada

“O assunto mais importante do mundo pode ser simplificado até ao ponto em que todos possam apreciá-lo e compreendê-lo. Isso é — ou deveria ser — a mais elevada forma de arte.”

Charles Chaplin

Morte natural

» Na Alemanha, a NTV deu a matéria da morte do índio Tanaru ou “Índio do buraco” quase da mesma forma que a imprensa brasileira. Não fosse o último parágrafo com a fala de Fiona Watson, da Survival International que afirma ser aquela região considerada o Oeste Selvagem do Brasil onde as disputas por terras são resolvidas com armas.

“Simbolizou tanto a terrível violência e crueldeza feita aos povos tribais em nome da colonização e ganho econômico, quanto sua resistência.”

Celebração

» Coordenadas pela ex chefe do cerimonial do Senado, Mônica Freitas, que ciceroneou o então príncipe Charles quando conheceu o parlamento brasileiro, oito amigas vão fazer uma homenagem póstuma à rainha Elizabeth com um chá das 17h no dia da coroação. A turma se reunirá um pouco mais cedo (16h) para ver as fotos do príncipe em Brasília.

» História de Brasília

Quando uma criança deseja ir ao sanitário, vai em casa, porque a escola não dispõe de instalações, nem água corrente. Vivem como pacas velhos, em plena Capital da República. (Publicada em 10.03.1962)

A governança corporativa e compliance ambiental nas corporações

» LIVELTON LOPES
Advogado

Em um país como o Brasil, em que, diariamente, se multiplica o número de escândalos envolvendo corrupção, cada vez mais é necessária a implementação, nas corporações, de uma política de governanças e compliance capaz de vincular também a alta administração delas a uma cultura que busque continuamente desenvolver as melhores práticas de governança corporativa, buscando não só a lucratividade, mas o máximo empenho para a obtenção de um melhor interesse comum.

A árdua tarefa de implementação de políticas ambientais e de desenvolvimento nas empresas não pode se resumir pura e simplesmente ao desenvolvimento e implementação de manuais. Tais condutas e normas devem ser fonte de ganho de eficiência e transparéncia nos processos produtivos. Indivíduos que na busca pelo melhor interesse comum estão a preservação e restauração do meio ambiente pelas empresas e organizações, mesmo diante da tímidíssima postura do Poder Legislativo nessa seara.

É fundamental a aplicabilidade do compliance ambiental como ferramenta de governança corporativa nas organizações, na busca de prevenir danos ambientais, prever possíveis compensações e identificar possíveis falhas nos processos na busca por sua correção. A governança corporativa é uma ferramenta de

gestão multidisciplinar voltada para a transparéncia, responsabilidade, comprometimento e equidade nos processos internos e externos da atividade empresarial.

Em linhas gerais podemos definir compliance como sendo os objetivos tanto preventivos como reativos que visam à prevenção de infrações legais em geral assim como a prevenção da ocorrência de riscos legais e reputacionais aos quais a empresa está sujeita, na hipótese de que essas infrações se concretizem. Além disso, tem-se a imposição à empresa do dever de apurar as condutas ilícitas em geral, assim como as que violam as normas da empresa, além de adotar medidas corretivas e entregar os resultados de investigações internas às autoridades, quando for o caso.

Por seu lado, necessário explicar que não se pode definir compliance como um modelo único, invariável. Ao contrário disso, os programas de conformidade podem (devem) variar de acordo com a estrutura organizacional, com o grau de abrangência do programa na estrutura, de acordo com o setor e a atividade de desempenhada pela pessoa jurídica e suas especificidades.

Entre tantas questões relevantes a serem tratadas pelos programas de conformidade, está a questão ambiental, já que garantir um desenvolvimento sustentável passou a ser muito mais do que uma simples

exigência social, passou a ser uma questão comercial. Investidores e clientes cada vez mais exigem que empresas busquem colaborar com a conservação do meio ambiente e até mesmo com a reparação dos danos ambientais. Daí a indiscutível importância do compliance ambiental.

É certo que, com a adoção de uma boa governança corporativa, as empresas também se protegerão, ou, pelo menos minorando os riscos financeiros e reputacionais, nas esferas administrativa, civil e penal. Não existem dúvidas de que baixos níveis de risco no negócio colaboram para a formação de uma boa reputação empresarial o que se converte em maior lucratividade.

Nesse contexto, fica muito clara a importância do compliance ambiental para as empresas, como instrumento de gestão ambiental empresarial, uma vez que, além de garantir a proteção do meio ambiente e ao mesmo tempo gerar valor para as corporações, traz ainda mais segurança aos investidores, consumidores e a sociedade em geral, já que o estabelecimento de procedimentos internos de integridade, auditoria, aplicação fiel do código de ética e de conduta e incentivo à denúncia de irregularidades apontam para uma adesão total a legislação ambiental e a uma drástica diminuição dos riscos com multas e pagamento de indenizações.